

Militares

São **12:36** vou ter de madrugar, outra vez. O Fred disse-me ao telefone a brincar que eu já só tinha mais 2 dias de vida e eu agradeci-lhe os 2 dias de vida que ele me tinha concedido. A brincar, a brincar, o que é verdade, é que em toda esta Internet das Coisas eu tenho de conseguir ver alguma verdade. Vou por isso acionar o meu “pensamento-caveira” e vou madrugar como uma “caveira”. Faz de conta que já morri e que, portanto, posso dizer tudo o que eu quiser. Ou faz de conta que vou morrer amanhã e por isso, posso dizer tudo o que eu quiser. Como diz o Fred, “somos todos caveiras”. Faz de conta que estou no mundo dos mortos. Faz de conta que vim parar ao submundo dos mortos. Não posso ter mais medos, se já estou no submundo dos mortos, por isso, posso dizer o que eu quiser. É este o pensamento capaz de fazer sobreviver o meu espírito no mundo dos vivos. Faz de conta que sou um morto-vivo. Faz de conta que estou entre os dois mundos. O mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Sou um privilegiado. Sou um extraterrestre. Faz de conta que estou entre a Terra e o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Faz de conta que posso sempre apanhar uma nave espacial para Jupiter de Gabriel Garibaldi, por isso, posso olhar para a Terra com toda a sinceridade e dizer dela o que penso. Posso falar mal de tudo o que está mal na Terra. Posso falar mal de todos. Sou um privilegiado. Posso falar mal de mim. Se eu falo mal de mim, se eu próprio me critico, não vou criticar os outros? Se eu até sou capaz de me virar contra a Jupiter Editions e contra *O Algoritmo do Amor* é porque eu sou capaz de me virar contra todos, sem medos nenhuns. Não tenho medos. Não tenho medo de morrer só por escrever o que escrevo. Quero lá saber que tenho escrito um livro proibido. Quero lá saber que uma maçonaria olhe para a minha escrita maçónica e me veja como um inimigo. Porque uma maçonaria que me veja como um inimigo, é uma inimiga da minha maçonaria. Estou no meio de uma guerra entre maçonarias. Estou no meio de uma guerra espiritual. Faço parte do invisível. Há uma tecnologia invisível a proteger-me, mas também a monitorizar-me. Fui chipado. Chiparam-me a intuição. Chiparam-me os olhos. Até me chiparam o pénis. A minha maçonaria sabe que eu só levanto o pénis com o Fred. Só o Fred é que me dá tusa. Podem pôr os salva-vidas que quiserem à minha frente, gordos, feios, musculados, de olhos verdes, de olhos encarnados, de olhos azuis, loiros, ruivos, com sardas, sem sardas, 3 vezes maiores que o Fred, com três pilas, com tatuagens, com piercings, é o que quiserem, que eu só vou levantar o pau com o Fred. Estou a ser obrigado a escrever isto. Por isso é que estou a escrever. Muito sinceramente, já não sei se vou morrer ou não neste filme maçónico. Todos os dias o filme muda. Isto é um filme dos diabos. Para mim, isto está a ser um filme dos diabos. As personagens mudam. Um dia são uma coisa, outro dia são outra, não percebo. Nada neste filme faz sentido. Este filme parece infinito. Eu não vou ficar dentro de um filme infinito. Não vou.

Quero sair do filme. Não estou a achar piada. Para mim, está a perder toda a piada. E estou obrigado a escrever isto, por uma questão de sobrevivência. Tenho mecanismos básicos de sobrevivência. Já devo ter escrito isto algumas vezes, porque o processo está sempre a ativar os meus mecanismos básicos de sobrevivência. Estou preocupado com o Direito Penal.

Lembro-me de uma vez, uma al(m)a do Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa ter dito que se houvesse um “contrato sexual” entre dois homens em que tinham “estipulado” que um ia ser enjaulado pelo outro e iria ser um “escravo sexual”, em que o Big Boss ia levar a comida ao escravo Big Horny, enquanto o escravo Big Horny fazia “um bico” ao Big Boss dentro da jaula do Big Boss e se o Big Boss e o escravo Big Horny “curtiem” este contrato, o Direito Penal não tinha nada que ver com isto e teria de ficar de fora. Lembro-me de ter ficado muito preocupado com este direito penal... Para mim, isto não é direito penal... Falta-lhe uma psicologia. Porque, de caras, eu olho para este contrato e vejo que há uma parte que não está boa da cabeça e que com o Direito da Psicologia, conseguimos pegar na chave tecnológica e abrir a prisão tecnológica. Também vejo outro filme. Vejo uma falsificação de assinaturas. Ou então vejo um Big Horny completamente drogado pelo Big Boss. Vejo uma investigação. É o que eu vejo. Porque alguma coisa não bate certo e por isso, temos de abrir uma investigação. É isto que eu vejo. Estou a ser muito sincero com o Direito Penal. Sou até capaz de abrir uma investigação contra o próprio Direito Penal. É o meu Direito Penal Maçónico que me deixa falar assim, sem medos, do Direito Penal.

Lembro-me, que foi precisamente no dia em que toda esta Internet das Coisas começou, que antes do Tomás ter falado no sapinho que eu ia engolir como “um bruxedo” que tinha sido lançado *Ao Algoritmo do Amor*, me ter contado que os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke faziam vídeos pornos num fetiche de fardas militares com os namorados enviando os vídeos para a *dark net* da E. Studios ou da A. Studios, sem os namorados saberem. Lembro-me de uma tia que me disse que uma prima minha foi contar à mãe dela que eu “aparecia” em sites gays, porque os amigos gays do marido dela diziam que me tinham visto nos sites gays... Eu nunca fiz um vídeo pornográfico! Se houver algum vídeo meu na Internet, eu peço por favor que me enviem o vídeo, porque esse vídeo tem de ser entregue à polícia. Porque se existe algum vídeo desses, é porque eu fui filmado sem saber! Eu não posso ser filmado sem saber que estou a ser filmado, sem ter autorizado expressamente, sem ter consentido, assinado por baixo. E neste momento, à data de hoje, eu sinto-me obrigado por toda a Internet das Coisas que se está a passar na minha vida a dizer que eu não autorizei ninguém, nem nenhuma empresa a filmar-me ou a gravar a minha voz fosse de que maneira fosse.

É verdade que sou um Member Writer da Jupiter Editions e que os Member Writers são agenciados pela Jupiter Editions, o que quer dizer que a Jupiter Editions pode comercializar a minha imagem e voz. No entanto, tem de haver sempre outro contrato a indicar o conteúdo ou os tipos de conteúdo que vão ser comercializados e até agora, eu ainda não celebri nenhum contrato desses com a Jupiter Editions. Eu não posso estar dentro de nenhum filme, porque eu não celebri com ninguém nenhum contrato de cinema e realização. Se houver alguma assinatura minha num contrato, é uma assinatura falsa, não fui eu que assinei! Quando a Jupiter Editions me trouxer o contrato para assinar, eu escreverei que a Jupiter Editions já me trouxe o contrato. Mas ainda não me trouxe.

Lembro-me de ter saído com um rapaz da discoteca e ter ido parar à cama dele e mesmo com os copos tê-lo mandado baixar a câmara do computador que estava (estrategicamente?) apontada para a cama. Lembro-me de ele ter saído todo nu da cama a rir-se, ter baixado o computador e ter dito que eu era “muito inteligente”. Contou-me depois todos os rapazes que já tinha comido da minha faculdade, da juventude monárquica e do Exército. Eu fiquei calado só a ouvir. Disse-me que tinha vídeos de todos a mamarem-lhe e perguntou-me se eu queria ver algum e antes que eu dissesse alguma coisa disse que todos tinham consentido nas gravações. Disse-lhe que me queria ir embora. E ele disse-

-me que eu estava obrigado a dar-lhe nomes, porque na maçonaria há sempre troca de informações. E eu disse-lhe que não estava ali com ele em nenhuma maçonaria e que não era nenhum maçom. E ele disse-me que eu, se calhar, era maçom sem saber, porque ele sabia os nomes dos rapazes com quem eu já tinha estado e eu tinha estado com muitos maçons e que os maçons só se envolvem com maçons. Disse-me que a maçonaria tinha todos os meus algoritmos e que controlava todos os meus *dates*. Perguntou-me se eu sabia da maçonaria que havia à volta do Grindr e do Tinder. Eu disse-lhe que não curtia teorias da conspiração e fui-me embora definitivamente.

Lembro-me de um namorado que tive que dizia que eu tinha nascido numa maçonaria e que a minha vida era toda controlada pela “maçonaria” do meu pai e que o meu pai não gostava dele porque ele não era médico ou economista e que só se ele fosse médico ou economista ou filho de um bancário é que o meu pai iria gostar dele. Eu disse-lhe que o meu pai não ligava a nada disso e que o que ele estava a dizer era um disparate e que não era com o meu pai que ele namorava, mas comigo e eu estava-me a cagar para o que é que o meu pai pensasse sobre os meus namorados. E ele dizia que quem nascia nas famílias controladas pelas maçonarias tinham uma vida diferente. E eu disse-lhe que a minha família não era controlada e que ele estava doido! E ele dizia que o Xico era maçom e que se era meu primo direito era porque eu também era maçom e dizia para eu olhar para os “membros” da minha família. Eu bebia muito nessa altura. Talvez bebesse para “fugir” de toda a minha “espiritualidade”, de todas as ligações da minha vida... Talvez bebesse para me libertar... Bebia quando sentia que a minha vida era uma vida “muito especial”, porque era toda espiritualmente ligada... Graças ao vinho consegui expulsar muitos namorados da minha vida. Foi o vinho tinto que expulsou muitos namorados da minha vida. Só o amor psiquiátrico do Fred é que me tirou o vinho tinto das mãos. Com *O Algoritmo do Amor* parti os cigarros e larguei o vinho. Já não me embebedo. Foram muitas bebedeiras. Mas já passou. Ando a águas. Gosto muito mais de andar a águas. É tudo uma questão mental. Pergunto, será que o Fred simplesmente estava a preparar-me para o processo maçónico? Será que o Fred simplesmente queria que eu visse toda “a espiritualidade” com a máxima lucidez e sobriedade das coisas? Mas estar lúcido nesta Internet das Coisas é assustador. Acho que preferia estar bêbado. Acho que preferia estar a ver isto tudo com(o) uma bebedeira...

Assim que cheguei ontem à Ilha dos Piratas e passei pelas três câmaras, lembrei-me dos pirates que tinha feito às câmaras e como logo a seguir, antes de passar pelo grupo de militares sentado à mesa na esplanada da mercearia a 1km e 666 metros da 3ª câmara (como está na placa a dizer que a próxima mercearia da ilha fica a 1km e 666 metros) vi o filme do Marcos da minha faculdade a aceder à 3ª câmara através do telefone e a ver-me a fazer o pirate na sua masturbação militar e a partilhar o meu vídeo na Internet dos Militares. Vi este filme, porque no caminho o Marcos passou outra vez por mim no seu exercício militar de calções de basquete a correr a driblar com uma bola de basquete invisível, sem me cumprimentar. Lembro-me nos primeiros tempos quando entrei na Faculdade de Direito o Zé e o Rui, no seu militarismo, fardados de militares, terem visto como tinha ficado apaixonado pelo Marcos e terem dito para eu cagar nele, porque o Marcos tinha namorada.

«Ó, Jaime... Tu estás aqui connosco na boa! Nós sabemos que não és assumido, mas eu e o Rui percebemos a tua cena... Somos militares... Somos os teus soldados... Só te estamos a dizer que o Marcos tem namorada e sabemos que não te queres meter num filme desses ou queres? Se quiseres eu dou o toque ao Marcos...»

«Tás a gozar... O gajo é bi?» perguntou o Rui.

«Ya, caralho! Quem é que está por cima do beliche e vê tudo? Sou eu, caralho! O gajo à noite tá sempre batido no Grindr... Tá a falar por mensagens com a namorada e tá também noutras mensagens no Grindr...»

«Ó, puto... Cala-te...! Não acredito! Foda-se, não...» disse o Rui.

«Ah, pois, bebé... Por isso, Jaime se quiseres é só dizeres que o gajo também te curtiu... Mas pronto, como eu sei que tu não curtes essas merdas eu disse logo para cagares no gajo que tu queres é romance...»

«Ó, Zé... O que é que estás a dizer?»

«Que tu só queres é romance... Por isso é que eu também não quis nada contigo... Se ainda quisesse só dar uma voltinha e tal... Mas tu depois ainda me pedes é em namoro... Queres namorar comigo, Jaime?»

«Quero!»

«Pois, isso sei eu... Eu vi logo... Ó Rui, eu ainda não te contei... Mas o Jaime fez-se a mim, logo no primeiro dia... Eu tava aqui onde estou a fumar o meu cigarrinho e tal... Na minha... E aparece o Jaime... No auditório já não parava de olhar para mim... E eu vi logo que ele deve ter achado que eu jogava no campeonato dele... Depois no intervalo começa a perguntar-me se eu também não estava na aula e se eu tinha curtido a aula e de onde é que eu era... E eu só me apetecia responder-lhe “Puto se quiseres sacar-me um bico tás a vontade escusas de tar nessa mariquice toda e a falar da merda da aula que eu to aqui a fumar o meu cigarro”...»

«Zé, a sério! Tu és ridículo!»

«Ó, Jaime... Não chores... Anda cá...»

«É que ainda por cima, estás a inventar! Foste tu que vieste falar comigo no intervalo. Vieste pedir-me um cigarro...»

«Pois, foi... Pois, foi... E ainda por cima eu tinha cigarros...»

«O quê???»

«Ya... Foi só para meter conversa contigo... Ok... Confesso... Eu queria que me sacasses um bico... Mas sem te apaixonares... Por isso é que fui falar contigo... Mas só fui, porque não paravas de olhar para mim no auditório... Vá, admite! Tu achavas que eu era gay...»

«Por acaso, achava...»

«Foda-se! Eu sabia! Mesmo com esta farda, mesmo vestido de militar, mesmo com o meu ar masculino, mesmo com a minha voz grossa para caralho porque é que os gays acham todos que eu sou gay? Foda-se! Atiram-se todos a mim... Se eu fosse gay é que eu estava bem... Eu devia era ser gay...»

«Mas o quê? Lá no Exército atiram-se todos a ti? Eu atirava-me... És loiro, tens olhos verdes, tens piada...»

«Calma! O Jaime está-se a atirar a ti à minha frente?»

«Ya, Rui... Estou-me a atirar ao Zé!»

«Não faças isso à tua vida, Jaime...»

«Não, puto. No Exército ninguém se atira a mim, somos todos irmãos, somos uma irmandade, percebes? Não há lá mariquices dessas... Mas quando vou sair a uma discoteca, ainda por cima a uma “discoteca heterossexual” todos os gays vêm falar comigo... E é uma seca, percebes?!»

«Uma “discoteca heterossexual”?»

«Ya... Se tu vais a uma “discoteca homossexual” com o João Francisco e com o Xico eu também posso ir a uma “discoteca heterossexual”... Sabias que o Jaime e o Xico são primos, Rui?»

«Porque é que tu sabes que eu, o João Francisco e o Xico...?»

«Não tinha a certeza... Ouvei dizer... Mas agora já me deste as certezas que eu queria... Eles também sacam ou és só tu? Eles ficam só a encobrir os teus sacanços ou és tu que encobres os deles?»

«Primeiro eu não saco nas discotecas. Nas discotecas eu danço. E se estás a tentar perguntar se o João Francisco ou se o Xico são gays, não, eles não são gays.»

«O João Francisco é bi e tem um fraquinho por ti, por isso é que nas discotecas gays não deixa nenhum rapaz aproximar-se de ti... Rui, o gajo até se passa... Soube de uma história... Ou não é verdade?»

«Não, não é verdade!»

«Tá bem, ó Jaime... Não queres contar não contes... O João Francisco entra fardado nas discotecas? Só preciso mesmo de saber isto...»

«É claro que não! E ele não deixa nenhum rapaz aproximar-se de mim na noite, porque é como se fosse “o meu irmão mais velho”. Ele é hétero e o único fraquinho que ele tem por mim é um fraquinho de amigos, de irmãos, de amigos-irmãos...»

«Mas o João Francisco é alguma coisa a ti?»

«Não, Rui... Somos só muito amigos...»

«Como é que se conheceram?»

«Foi numa noite através de uma amiga minha que combinou um café connosco sem eu e o João Francisco nos conhecermos. Foi uma noite fixe! Acabámos depois por ir para casa do João Francisco. Andámos como gatos no telhado da casa e agora por acaso estou-me a lembrar que acabámos a noite no quarto “dos militares”... Lembro-me da Carlota ter-se deitado na cama de baixo do beliche e o João Francisco na cama de cima me ter convidado para subir...»

«E tu subiste?»

«Não subi...»

«Porquê?»

«Porque eu tinha um fraquinho pelo João Francisco... Logo, não podia subir...»

«Foda-se, caralho, Jaime! Como é que tiveste um fraquinho pelo João Francisco e não tiveste por mim? Foda-se! O gajo é horrível!!!!!»

«Eu não acho...»

«Vais dizer que o gajo é mais giro que eu?»

«Vou...»

«O quê??? Tás a ofender-me, caralho! Levas uma chapada! O gajo é mais giro que eu?»

«É...»

«Ó, Jaime! Vai pró caralho que ta foda!... Se ainda disseses que o João Francisco era mais giro que o Rui eu ainda percebia... Agora do que eu??? Do que eu???»

«Caga no Zé, Jaime...»

«Pronto, por causa dessa noite eu e o João Francisco ficámos bué ligados... No dia a seguir retribui-lhe o convite e ele foi lá almoçar a casa e depois o João Francisco começou a andar com o nosso grupo... Ele também já era dos melhores amigos do Domi... Mas o Domi não o tinha trazido para o grupo... Mas eu trouxe-o e ele começou a andar connosco...»

«Então e tu és primo do Domi de que parte?»

«Da parte da minha mãe e da parte do meu pai...»

«Han?»

«Ya... Tipo uma irmã do meu pai casou com um irmão da minha mãe e tiveram 2 filhos. O tio Vasco, irmão da minha mãe, casa-se com a Tia Francisca, irmã do meu pai, e nasce o Domi e a Pureza...»

«Eia, que cena! Mesmo fixe!!»

«Ya... Eu já sabia... Eu até sei do bruxedo por detrás da cena toda... Sei como é que isso tudo aconteceu...»

«Ai sabes? Sabes mais da história da minha família do que eu, Zé... Vê lá...»

«Nós chamamos “tio” ao teu tio Vasco... O tio Vasco também é nosso “tio”... O “tio” já nos contou muitas histórias “da família”... O Domi ficava sempre comigo e com o Rui na tenda dos acampamentos dos filhos dos bancários... Somos filhos dos bancários... Tu não estiveste nos nossos acampamentos porque não és filho de um bancário... Os nossos pais são todos amigos... Andaram juntos na mesma tropa...»

«Sim o teu tio Vasco é altamente, Jaime! Mas eu não sabia que ele era teu tio... Ele é branco demais para ser teu tio de sangue, logo em primeiro grau...»

«A minha mãe é branca e o meu pai é preto. Toda a família da parte da minha mãe é branca e toda a família da parte do meu pai é preta, veio de Moçambique. A tia Francisca...»

«A irmã do teu pai... Certo?» lembro-me de ter sido interrompido pelo Rui e de ter inocentemente ficado feliz por estar a acompanhar de verdade a minha árvore genealógica...

«Sim... Exato!... A tia Francisca é tipo da minha cor e o tio Vasco que é branco, irmão da minha mãe, não sei se por ter sido a parte branca o homem os filhos nasceram brancos, o Domi é branco, a Pureza é branca, a Pureza é loira de olhos verdes, ninguém percebe de onde é que vieram os olhos verdes, vi toda a minha família a jogar o Xadrez de Mendel para ver de onde é que vinham os olhos verdes... Tu olhas para a Pureza ou para o Domi e nunca dirias que a mãe deles é “negra”, que a avó “deles” é negra... A minha avó nasceu em Moçambique. É negra.»

«Mas é mesmo negra, negra?»

«Sim, é negra.»

«E o teu pai também é negro ou é mais da tua cor?»

«É da minha cor, um pouco mais escuro... Mas não é negro, negro... É mais claro do que a minha avó. O pai dele era branco.»

«E casou-se com uma negra?»

Lembro-me do meu cérebro ter parado com a pergunta do Zé.

«Ya, é estranho... Para aquele tempo... Era porque o teu avô devia ter uma mente bué aberta...»

De repente, lembro-me de ter deixado de ver o sentido da conversa deles. Não fazia sentido. Lembro-me de ter perdido o sentido da conversa e lembro-me de ter visto “um sinal” entre eles, como se tivessem “percebido” que eu não tinha gostado do tom com que a conversa, de repente, tinha ficado. Não gostei. Sem querer, vi um racismo dissimulado num preconceito que tinha sido militarmente instalado nos cérebros deles. Lembro-me, de me ter lembrado de uma história que a minha avó me tinha contado que quando o meu pai tinha sido preso numas instalações militares, tinha aberto uma “guerra civil” e deram uma espingarda para as mãos do meu pai e disseram-lhe para ele disparar para todos os brancos que visse, que “os inimigos eram os brancos”. E lembro-me da minha avó contar-me que o meu pai “fingia” que atacava os “inimigos”... O meu pai disparava para o chão. O meu pai não era um criminoso de guerra. O meu não era capaz de disparar. O meu pai via a vida humana. E por ver a vida humana como sagrada, viu um jogo de guerra e numa tecnologia qualquer que conseguiu estabelecer num mentalismo de coisas com os “militares inimigos” ligou-se a eles dizendo “estamos num jogo, vamos jogar” e invisivelmente os “militares inimigos” tornaram-se “militares amigos”. Os “inimigos” viram o meu pai a disparar para o chão e imitaram-no. Cessaram assim o fogo. Invisivelmente estabeleceram alianças invisíveis, daquelas que são impossíveis de se partir, que são vitalícias e que duram uma vida eterna, porque mete “a questão da vida”, “a vida ou a morte”.

Será que se fosse hoje, se fosse eu na pele do meu pai e com o Zé, com o Rui e com o Marcos à minha frente de espingarda na mão iríamos fazer o mesmo jogo de guerra que os nossos pais e instalarmos a informática dos computadores nas nossas cabeças e não passarmos do jogo de guerra para a vida real? Será que eu seria capaz de escrever *Outro Algoritmo do Amor* debaixo de uma guerra com o Marcos?

Lembro-me que na faculdade só falei uma vez com o Marcos, por ter sido introduzido pelo Zé e pelo Rui. Essa introdução bastou para passarmos sempre um pelo outro envergonhados num cumprimento militar sempre à distância com um pequeno sorriso a fugir. Lembro-me do Marcos, mais atrevidamente, ter-me batido 2 continências e de eu ter respondido envergonhadamente... Bati-lhe também continência das 2 vezes e das 2 vezes ele riu-se. Cumprimentámo-nos sempre à distância, mas cumprimentámo-nos sempre. Da primeira vez que nos cruzámos na Ilha dos Piratas não nos cumprimentámos. Ficámos mudos. Passámos mudos. Ele viu-me, olhou-me como nunca, penetrou-me o espírito com o olhar, como se me “disse” que não nos podíamos cumprimentar... Passei com o anjo Raphaël... Neste filme maçónico militar fiquei a pensar, é claro, que o anjo não podia saber que nos conhecíamos... Quando eu ia cumprimentar o Marcos, ele tirou logo os olhos de cima de mim e parece que fez um gesto de “não”. Fiquei confuso. Não percebi. Não tive a certeza. Passámos a segunda vez e passámos mudos outra vez, como se o nosso mini romance universitário invisível não tivesse nunca acontecido... Lembro-me de ter perguntado para mim próprio se o Marcos estaria com as lentes-cinema de *2080* de Antoine Canary-Wharf... Sabia que a Mão Invisível de um exército poderia colocar as lentes-cinema em 2021 a um militar num secretismo de testes tecnológicos... Senti-me num teste tecnológico de militares... Senti-me numa experiência tecnológica de militares... Senti-me num filme maçónico de militares...

A história militar que me tinha sido contada é que o anjo queria entrar numas “forças especiais” do Exército, que tinha passado os testes de Psicologia feitos numa “porta fechada” das instalações militares por duas psicólogas, uma chamada Sílvia e outra Sara (que coincidência!), só que tinha falhado “os testes da cintura”, porque uma fita métrica encontrou uns “pequenos erros de medida” e que para combater “as novas medidas” tinha de se preparar com um rigoroso treino militar para passar nos testes da recruta... Só que eu via outro filme que dava por cima da história do anjo... É que quando o anjo falou em “fita métrica” eu fui buscar às ocultas a “fita métrica” e medi a concessão de praia e vi nos meus silenciosos passos que a concessão não tinha 100 metros, mas sim 50 metros e que por lei o concessionário só estava obrigado a ter um salva-vidas por cada 50 metros... Ora, o Capitão não ia ter 2 salva-vidas se só precisasse de 1, quando eu sei que o Capitão está a segurar o barco e a tentar reduzir ao máximo o peso do barco, para o barco não ir ao fundo... E vejo no filme que o anjo está numa missão militar a proteger e a segurar o meu Processo, a acompanhar o meu Processo, a fazer parte do meu Processo no seu silencioso militarismo camuflado de salva-vidas. Também eu estou camuflado de salva-vidas. Uma maçonaria vestiu-me uma farda de salva-vidas. Mandou-me vestir e eu vesti. Um militarismo vestiu uma farda de salva-vidas ao anjo. Mandou-lhe vestir e o anjo vestiu. Será o anjo o Camaleão do Sutiã Dourado? Será o Marcos o Camaleão do Sutiã Dourado?

Na terceira vez, o Marcos apareceu a meio da tarde no exercício militar de corrida vestido com uma camisola do Sporting com o nome de um jogador. Sem voz, cumprimentou-me. Olhou para todos os lados e cumprimentou-me como se me estivesse a dizer um grande olá sem falar e num breve cumprimento. Senti o espírito militar dele comigo. Parece que fizemos “um clique”. E foi-se embora com a ligação feita. Saiu da praia. Parecia que só lá tinha ido para fazer a ligação. Chegou à praia, correu para mim, cumprimentou-me e voltou para trás como se nada fosse na sua corrida. Achei estranho... Senti uma tecnologia qualquer... Senti que o Marcos tivesse hackeado uma das minhas tecnologias... Abri o meu telefone, liguei os dados móveis e recebi uma notificação do jogador com quem o Marcos estava “vestido”... Tinha um pedido no Instagram... O jogador tinha pedido para

me seguir. É claro que vi a ligação. Percebi que o Marcos estava ligado ao jogador e queria que eu me ligasse a eles num oculto triângulo. Quando aceitei o pedido do jogador, comecei a segui-lo, mas ele deixou-me logo de seguir e eu deixei logo também de o seguir. Como eu adivinhei a jogada do jogador fiz um Print Screen da notificação e do pedido dele, para anexar ao Processo mais elementos de prova.

Na quarta vez, estava com o anjo e à mesma hora militar-matinal o Marcos passou mudo no filme. Parecia um filme de mudos. Havia um barulho natural, mas quando eu e o anjo passámos pelo Marcos, de repente, ficou um absurdo silêncio. Senti que o anjo conhecia o Marcos. Senti que dormiam no mesmo beliche das maçónicas instalações militares... O Marcos viu-me, olhou para mim, olhou depois para o anjo e seguiu. Não nos cumprimentámos. Passámos outra vez como desconhecidos.

Nesta sexta vez, o Marcos fez-me “sinais fraternos” e piscou-me, depois, o olho com uma força brutal! Vi-o a deixar escapar um sorrisinho aliviado de vitória. Ele estava sentado na mesa dos militares de tronco nu, vi-o pela primeira vez de tronco nu exatamente com o corpo que eu tinha imaginado na minha fantasia quando me masturbei nos primeiros tempos da faculdade a pensar nele. Foi como se o corpo dele tivesse sido militarmente instalado no meu cérebro tecnológico. Só que na minha fantasia, eu não o vi com o corpo tatuado com os 3 grandes seis como vi. Se, por acaso, na altura eu tivesse tido alguma coisa com o Marcos e o Marcos tirasse a camisola e eu visse os 6, eu iria achar que ele era “o Diabo”, iria parar o ato, iria arranjar desculpas para sair de ao pé dele sem ele perceber que era por causa do número, mas não lhe ia dar nem mais um beijo depois de ver o número e quando visse que estava seguro para correr iria começar a correr e iria contar ao Xico ou ao João Francisco ou ao Tomás que o Marcos era “o Diabo”... E só o Tomás é que iria ver “o Diabo como eu”. Lembro-me que o Xico muitas vezes vinha para cima de mim a dizer “666” aos meus ouvidos e eu gritava para ele parar e quase “que lhe batia se fosse preciso”, porque dizia que ele “estava a chamar o Diabo” e o Xico ria-se, ficava contente por saber que tinha “algo”, que tinha “uma arma” para jogar comigo sempre que ele quisesse...

O Marcos estava de tronco nu, descalço, com uns calções de basquete da Chicago Bulls e com a bola de basquete a bater no chão. Quando passou antes por mim, na quinta vez sem me cumprimentar, eu não tinha reparado que os calções eram da Chicago Bulls. Nem reparei na simbologia do número da camisa, porque como vinha a driblar uma bola invisível, vinha sem bola, vinha só a fazer “os gestos do drible” eu fiquei “preso” aos gestos e aos lindos sapatos de golf iguaizinhos aos do Joa e ao perfume dele que era o mesmo do Joa... Por causa do Joa, sabia qual era a marca de sapatos de golf e qual é que era a marca do perfume que estava a patrocinar o filme que estava a dar... Quem é que veste uns sapatos de golf com roupa de basquete? Só um camaleão num filme militar... Lembro-me me de ter voltado a pensar se seria o Marcos o Camaleão do Sutiã Dourado... Depois na mesa, o Marcos já estava descalço sem os sapatos e fiquei à procura dos sapatos de golf, como se o meu espírito se metesse debaixo da mesa dos militares à procura dos sapatos e vi que quem tinha os sapatos de golf calçados era um dos militares e lembrei-me da brincadeira que uma vez em casa dos van Der Maase tive de ir à procura dos sapatos de golf do Joa e quem os tinha calçados era o Mathias...

O Marcos (não) era o único da mesa dos militares que estava naqueles preceitos basquetebolistas. Todo o grupo estava fardado. Havia o tal militar com os sapatos de golf calçados, mas estava fardado. Não percebi o sentido de estarem numa ilha, de férias, fardados senão só para a cena militar, só para experimentarem comigo a cena do filme militar. Quando eu me aproximei da

mesa ouvi os amigos do Marcos a dizerem para o Marcos “vem aí o teu amado 666”. Foi quando o Marcos “saiu da mesa”, abrindo-se de lado, virando-se para mim e ficando de costas para todos fez-me “secretamente” os “sinais fraternos”. Abrandei o passo e em “câmara lenta” acionei as minhas lentes tecnológicas com o meu pensamento e comecei a gravar a cena com os meus olhos e a transmitir a cena em tempo real para o meu Direito Penal Militar de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Gravei a cara de todos. Gravei a cara de todos a imitarem a minha cara e a imitarem numa sequência militar os meus piteques exatamente com o mesmo ar que eu tinha feito a cada uma das 3 câmaras. Gravei também os pés descalços do Marcos, como se descesse “aos pés dele”, como se tivesse a bater-lhe continência “de joelhos” e “de joelhos” enfiei-me com o meu espírito militar debaixo da mesa deles e vi quem é que tinha calçados os sapatos de golf e quando subi com o meu espírito e olhei nos olhos do Marco sorrindo-lhe sem lhe sorrir, foi quando ele me piscou o olho de uma forma fraterna, de uma forma amiga, sem qualquer sexualismo, sem qualquer sensualismo.

Foi importante sentir esta força! Esta força militar! Foi como se tivesse passado o teste militar deles. Qual era o teste? Era fácil. Era só saber que eles tinham hackeado as 3 câmaras e tinham-me visto a fazer os piteques e passaram-me a informação “sem voz”, através de um militar teatro maçónico e eu passar a cena silenciosamente sobre a cena toda... Nada no Processo indicava que eles me tivessem hackeado o cérebro. Simplesmente hackearam as câmaras. Mas a sensação que dá, o sabor militar a que sabe o Processo é que parece que me hackearam o cérebro, a mente e o coração, porque eu vi a montagem da cena como um filme antes da cena ter acontecido... Talvez só o Marcos seja o militar autorizado a penetrar nas minhas redes neuronais... O meu cérebro fez o filme antes do filme começar... Porque quando o Marcos passou por mim depois de eu ter feito os piteques para as câmaras eu vi um filme do Marcos a hackear o meu vídeo dos piteques e a partilhá-lo na Internet dos Militares.

«Ó Marcos, Ó Marcos, como é que?»; «Foda-se como é que é?»; «Foda-se está no grupo, o Marcos enviou para o grupo.»; «Oh, caralho! Só me enviaste 1, não me enviaste os 3... Só tive tempo de fazer 1...»; «E fizeste qual?»; «Fizeste este! Toma, caralho!» Olhei para trás e um deles com um grande ar de gozo fez o mesmo piteque que eu tinha feito para a última câmara. Vi o Marcos a vestir a camisa de alças e a driblar até mim. Olhei em frente e vi-o a passar, outra vez no mesmo perfume, com o número 6 atrás na camisa. Senti-o a atravessar todo o meu espírito, porque ele passou “mesmo em cima de mim”, consegui sentir-lhe o peso do corpo e o peso do perfume e o peso da marca do perfume, é um perfume caro, não é qualquer um que tem um perfume daqueles... Só vi o perfume no quarto do Joa... Mas também senti o peso de toda uma equipa de basquete em cima de mim, senti toda uma claque a vibrar, senti um jogo em cima de mim, senti que o Marcos jogava na mesma equipa que eu e que me tinha passado a bola e que um num drible meu tinha que passar o jogo e marcar um cesto... Ou isso, ou a Chicago Bulls caía toda em cima de mim...

Era como se “de repente” tivesse ido parar à Jupiter Editions Studios e num cenário montado me tinham vestido com o número 66, eu era o número 66 da Chicago Bulls, tivessem ligado as luzes muito à pressa, muito à pressa tivessem entrado os *players* todos e num jogo que era a brincar o jogo ser um jogo sério, porque era um jogo que estava a dar entre a Los Angels Lakers contra a Chicago Bulls, porque me lembrava que os gémeos que tinham desembarcado da ilha tinham saído do jogo com as camisas iguais com o número 6 e os chapéus iguais da Lackers e que a “prima Sónia” que trazia o Código Penal na mão trazia um chapéu da Chicago Bulls. Mesmo num teatro de jogo, em que as equipas só são adversárias no jogo, porque pertencem ao mesmo maçonismo, fazem parte do mesmo

filme, estão no mesmo filme, na hora de jogar eu tinha de jogar e a bola tinha-me sido passado pelo Marcos que já não estava em tronco nu, estava com uma camisa da Chicago Bulls e com a bola nas mãos eu tinha de jogar. Não podia passar a bola para os da Lakers, porque eu estava vestido com a Chicago Bulls. Era como se estivesse num derby entre o Benfica e o Sporting e eu estivesse vestido com a camisola do Sporting... Ou marcava golo ou passava a bola ao Sporting, não podia passar ao Benfica, senão ia ter todo o Sporting a cair em cima de mim... E eu tinha de escolher se queria levar com o peso do Benfica e da Lakers ou com o peso do Sporting e da Chicago Bulls. Lembrei-me do jogo de rugby que tinha apitado na praxe privada da Faculdade de Direito privada para conseguir o meu apadrinhamento e que só depois nos balneários é que descobri que tinha apitado um dissimulado “derby” entre os meninos do Sporting e os meninos do Benfica que no jogo eram adversários, mas nos balneários eram todos amigos.

Senti o peso do jogo, senti o peso de todos os jogos e não só me voltei a lembrar do dia em no final do dia ia no caminho da Ilha dos Piratas para casa ia ao telefone com o Fred e contei que quando tinha nascido a minha mãe tinha dito que éramos do Sporting e da Chicago Bull e no dia a seguir no exato sítio, passaram dois *players* por mim, um vestido com a camisola do Sporting e outro com uma camisa da Chicago Bulls num típico olhar comigo de “mentalismo das coisas”. Mentalismo, o caralho! «Foda-se! Joga a bola caralho! Tás a pensar no quê? Joga, caralho! Joga! Isto é só um jogo, caralho! Passa a bola, foda-se! Passa-me a bola, caralho, eu estou aqui, foda-se! Estou aqui!»... Foi como se tivesse ouvido a voz do Afonso Côrte-Real sempre vestido nos jogos com a camisola do Sporting, quando vi o Marcos vestido com a camisola do Sporting com o nome do jogador do Sporting que num secretismo de coisas me enviou o pedido ligando-se tecnologicamente numa Internet das Coisas à minha rede... E por isso, quando o Marcos passou, fiquei a pensar que talvez, desta vez, o jogador número 6 da Chicago Bulls iria enviar-me um pedido de amizade...

Cheguei ao estaleiro, primeiro que o anjo e liguei os dados móveis na praia, senti-me ridículo a ligar os dados móveis na praia só para ir ao Instagram para ver se o número 6 da Chicago Bulls me tinha enviado um pedido no Instagram... Recebi um pedido do Martim Dorey... Achei piada à ligação tecnológica das coisas, porque o primo Martim tem uma equipa de basquetebol em Londres, é treinador de basquete e sei que o número 6 pertence ao Keith Bogans que é treinador-assistente na Chicago Bulls... Aceitei o pedido e vi que o primo tinha publicado uma “storie”. A única “storie” que eu tinha visto no Instagram tinha sido uma “storie” da Mariana Portugal que implorou que eu visse uma vez e eu lá tive de ver... Era a priminha com a priminha Matilde e com a tia, as 3, vestidas de fato de treino num campo de basquete e era a priminha Mariana a fazer o seu primeiro cesto e a priminha Matilde a gravar... Teve imensa piada... Lembro-me de me ter rido imenso... Só por causa disto e só por eu me ter lembrado disto é que eu decidi abrir a “storie” do primo Martim... Era o primo Martim a ensinar o Thomas e o Isaac a jogarem basquete. O Thomas e o Isaac, como gémeos, tinham a mesma camisa de alças vestida, tinham os dois um 6 atrás.

Apareceu o anjo Raphäel numa nova personagem... Trazia uns calções com padrão militar e uma camisa de alças de basquete com o número 23.

«Mekie, Jaime...»

«Mekie...»

«Se adivinhares quem é que veste o número 23 ofereço-te estas duas camisas, uma para ti e outra para o Fred, para jogarem os dois basquete... Lembrei-me hoje da nossa conversa que tinha saudades de jogar basquete e que curtias jogar basquete com o teu namorado... Vi que tinha lá estas duas camisas e lembrei-me do teu desejo... Só tive tempo de trazer as camisas, porque já estava atrasado para sair de casa... Por isso é que vesti estes calções... Os calções de basquete estão todos guardados num baú lá de casa com outras merdas... Quando forem lá a casa no dia dos meus anos, abrimos o baú...»

«Estás a convidar-me para os teus anos???? Ahhh!!!! Adoro!!!!!!!»

«Não te estou a convidar só a ti... É um convite duplo. Estou-te a convidar a ti e ao Fred...»

«E se o Fred não estiver cá nos teus anos?»

«Pois... Não sei... O convite é para os dois...»

«Michael Jordan! É o Michael Jordan! É o Michael Jordon que veste o número 23...»

«Cabrão! Ganhaste as camisas... São tuas!»

Agradei o convite e esqueci-me de tudo. Era como se a cena militar não tivesse acontecido, como se tivesse sido tudo apagado, como se os militares tivessem editado o filme, tivessem apagado o filme, tivessem apagado os meus pires das câmaras e me tivessem transformado num fantasma invisível a deambular na ilha sem registos, sem provas de nada... Talvez, fosse por isso que eu tinha de escrever às escondidas... Talvez fosse esse o meu *superpoder*... Talvez nem todos soubessem que eu escrevesse... Talvez só uma ala, só uma parte do exército é que sabia... Fiquei a pensar se os amigos militares do Marcos sabiam ou não sabiam que o Marcos me tinha feito “sinais fraternos”... Será que o Marcos sabia que os meus olhos eram olhos tecnológicos e estava a fazer “sinais” para uma sofisticada sociedade alienígena que via o filme através dos meus olhos? Será que o Marcos estava a querer ligar-se aos meus telespetadores, aos meus neurónios-telespetadores? Será que eu compreendia de verdade o simbolismo por detrás dos “sinais fraternos”? E se houvesse um *dark side* por detrás da fraternidade? Fiquei a pensar se era tudo combinado só para eu escrever o que estou a escrever... É como se um Exército me estivesse constantemente a hackear... É como se eu estivesse preso a jogos militares, numa recruta militar, porque se não fosse o jogo eu não iria escrever sobre nada disto... Há uma recruta que me atrasa mas que ao mesmo tempo dá-me tempo... Por um lado, parece que “gosto” de ser hackeado, por dá-me um sabor militar... Por outro, fico frustrado quando vejo que há “certos jogos”, um Processo que me está a atrasar, que está a atrapalhar a minha escrita e por isso não sou “verdadeiramente” livre e não estou a escrever as coisas que queria, porque aparecem, de repente, no filme, uma série de elementos e eu tenho de os trazer escritos como prova para o Processo...

Fiquei a pensar se por detrás do convite dos anos do anjo haveria algum “convite sexual”... E senti-me ridículo ao estar a pensar isto sobre o anjo... Não fazia qualquer sentido... Procurava o sentido de ter pensado isto sobre o anjo, só porque ele falou em “calções”... Mas lembrava-me que tinha pensado nisto por causa dos gémeos que no corredor do cais do ferry, com o número mágico tatuados na sua marca me olharam pervertidamente, fazendo-me “o convite sexual” com o olhar, com o espírito e com a mente... Secretamente cheirei uma das camisas e senti o perfume e o suor do Marcos. Porque é que o Processo queria que eu memorizasse o suor do Marcos sem me excitar? Sem ficar de

pau feito? Porque ia jogar com o Marcos na mesma equipa e no final do jogo ia ter de tomar duche nos balneários com o Marcos todo nu à minha frente sem me excitar? Mas eu só levanto o pau com o Fred!!!!!! Outra vez outro teste a’*O Algoritmo do Amor*? Mas quantas mais vezes é que *O Algoritmo do Amor* ia ser testado? Só porque me masturbei a pensar no Marcos quando o Mateus me deixou solteiro e eu andava todo excitado pelos romanos “preso” nos corredores da Faculdade de Direito?

A minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari começou a funcionar e fui buscar um episódio dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke como uma referência... Lembrei-me também de uma brincadeira de lobos entre mim, o Maths e o Joa em que tive de gritar pelo Fred, para o Fred tirar-me das patorras de leão do Maths... O engraçado de todo este secreto militarismo, de todo este jogo com os militares, é que por causa de um perfume é que eu conseguia ligar o anjo ao Marcos. Mas a pergunta é, será que o anjo sabe que eu sei que quem lhe passou a camisa foi o Marcos? Porque eu sabia que se eu falasse do perfume o anjo ia dizer que o perfume era dele... Ou ficava em silêncio ou quebrava o silêncio. Decidi quebrar o silêncio. E o filme mudou um bocadinho...

«Hum... Este perfume... Eu conheço-o...»

«Conheces?»

«Conheço... Mas não me lembro da marca...» menti, «Qual é a marca deste perfume?»

«Não sei... Se calhar foi o meu irmão que vestiu a camisa com o perfume dele... Mas é estranho... Porque as minhas camisas foram lavadas e estavam no meu quarto... Só se o cabrão do meu irmão foi ao meu quarto vestiu uma das camisas e voltou a pô-la no sítio sem a por para lavar... Desculpa! Vê lá se ela cheira a suor ou assim...»

«Não...» menti, «Cheira só mesmo a perfume...»

«Ao menos gostas do perfume?»

«Adoro!»

«Ya... Então deve ter sido só o cabrão do meu irmão que devo vestido só para experimentar... Eu vou telefonar-lhe...»

«Não é preciso!»

Senti que estraguei o jogo todo e que não deveria ter quebrado o silêncio... Mas ao mesmo tempo senti que este “quebrar” fez parte do meu jogo, do meu Processo...

Enquanto o anjo fez a chamada eu senti que ia receber uma “mensagem” importante e voltei a ligar os dados móveis. Recebi uma fotografia no WhatsApp do Afonso Côrte-Real vestido com a Chicago Bulls com a camisa número 6 com a seguinte mensagem: «Mekieeee cabrão vamos jogar 2 para 1, eu contigo contra o teu namorado ou eu contra ti e contra o teu namorado... Escolhe! Se quiseres ganhar o jogo já sabes... Amo-te, cabrão!». É claro que ter o Afonso Côrte-Real nesta Internet o filme fica todo diferente, porque o Afonso Côrte-Real é o meu primo-irmão, é o meu “segundo namorado”, é o meu melhor amigo e o seu significado é muito importante, quer dizer que estou num Processo em família, que a nossa maçonaria vem de família e que por isso, está tudo bem... É como se o Afonso me estivesse autorizadamente a dizer que estava também comigo no filme, que fazia parte do filme...

Mas a parte que eu não percebo no Processo é porque é que eu sou o único que anda no filme sem os guiões e sem saber o que é que vai acontecer...

O anjo desligou a chamada e disse-me que tinha falado com o irmão e que o irmão me tinha pedido desculpa, sem me conhecer de lado nenhum e que só vestiu a camisa “num jogo” para tirar uma fotografia... Disse que tinha tirado porque estava “num jogo”...

«Num jogo?»

«Ya... Também não percebi bem... O meu irmão estava-se só a rir ao telefone por isso é que eu me estava a rir também, não sei se reparaste...»

«Ah, não...»

«Ah, pronto! Mas, ya... Por isso é que me estava a rir, por causa dele... Pá, não percebi bem, mas o que ele me disse é que o amigo “colorido” dele disse-lhe que só ia dormir com ele se ele em 6 minutos conseguisse enviar uma fotografia vestido com uma camisa de basquete e acho que o meu irmão foi a correr à procura das camisas de basquete, entrou no meu quarto, vestiu a camisa e o caralho tirou a foto, enviou e despiu a camisa pronto, foi tipo isto, Ya... Foi isto que eu percebi e pronto acho que passou no jogo e pronto dormiu com o amigo... Pa... Foi isto... Por isso, Ya... Deve ter ficado com o perfume... Mas, ya... Se quiseres lavar a camisa para tirar o cheiro... Mas como disseste que gostavas do cheiro... Pá... O meu irmão cheira a bode... O gajo é um bode... Queres ver uma fotografia dele?»

Fez-se um clique no meu cérebro. “Eu tinha de retribuir a fotografia ao Afonso.” Despi a camisola de salva-vidas e vesti a camisa da Chicago Bulls. Senti o cheiro do Marcos a penetrar-me o espírito, a instalar-se completamente em mim. E vi o olhar maçónico do anjo, como se eu tivesse feito a jogada-mestre do jogo militar da cabra-cega que eu tinha de fazer com os olhos vendados. Estava a jogar com “uma venda nos olhos”. Pedi ao anjo para me tirar uma fotografia, para eu enviar ao meu melhor amigo. Mas vi outra vez o olhar maçónico do anjo que me fez, desta vez, os “sinais fraternos”.

«Hum... Não achas que é melhor eu tirar com o meu telefone e depois eu envio-te para ti e tu depois envias para o teu amigo? É só porque eu sei que o teu telefone não é muito bom e só estou a sugerir porque quando me pediste para tirar as fotografias pediste o meu telefone, porque tinhas dito que a câmara do teu telefone não era boa... Por isso é que te estou a sugerir... É só se quiseres...»

Sabia que o anjo ia enviar a fotografia para o Marcos. Não sabia era se o Marcos ia desbloquear a fotografia na Internet dos Militares. Se o fizesse, sabia que o Fred iria acabar por receber a fotografia, porque algum dos militares na Internet dos Militares iria enviar para o Fred, ou iria enviar para o Mathias ou para o Joa e os irmãos iriam partilhar a fotografia entre irmãos. São irmãos... Mas será que o Marcos iria desbloquear a fotografia? Será que eu iria fazer mais uma secreta triangulação só entre o “anjo-militar” Marcos e o anjo Raphaël? Se sim, porquê? Porque é que o Marcos haveria de bloquear o espiritualismo e porque é que o anjo às ocultas do Fred protegeria este novo espiritualismo militar? Senti-me basicamente um brinquedo nas mãos dos militares. Mas só me senti assim, por causa do “véu de ignorância” que me faz pensar, que me faz ver os vários planos do jogo, as várias hipóteses dos filmes no jogo... Tirámos a fotografia e eu enviei ao Afonso no *timing perfeito*.

«Então, já enviaste a fotografia ao teu amigo?»

«Acabei de enviar.»

«E são que horas?» perguntou-me o anjo.

«São 12:12...»

«Viste a que horas é que eu telefonei ao meu irmão?»

«Sim. Eram 12:06.»

«Como é que sabes?»

«Porque fui quando eu recebi a mensagem do meu amigo.»

«Então quer dizer que demorámos 6 minutos...»

«Ya...»

«Lembras-te de eu te ter dito que o amigo “colorido” dele tinha dito ao meu irmão que só ia dormir com ele se ele em 6 minutos conseguisse enviar uma fotografia vestido com uma camisa de basquete?»

«Sim...»

«Yap... O jogo é o mesmo... Percebeste?»

«Hum... Hum...»

«Tás bem?»

«Hum... Hum...»

Apareceu o Mr. Rugby com o telefone na mão...

«Mekie, Rafal!»

«Mekie!!!»

«Mekie, Jaime!»

«Mekie!!!»

«Então, Jaime... Como é que tás hoje a ver a situação?»

«Hum... Parece-me que vai tar um tempo fixe... O mar também tá tranquilo e tal... O vento tá a soprar fixe... Tá aquele suestezinho e tal... Aqui o suestezinho não dá ondas a sério, dá sempre estas ondas calminhas... Tá fixe, hoje, não é? Estamos também aqui com o céu limpinho...»

«Mas estão ali umas nuvens desgraçadas... Não tás a vê-las? Se calhar não tás a vê-las bem, ó Jaime...»

«Tô, tô... Eu tenho olhos atras... Mas o vento tá a empurrá-las ainda mais para trás... Não chegam aqui... Não conseguem chegar...»

«Hum... Olha que não sei... Sabes que o vento roda e quando roda o filme muda todo... Fica logo outro filme... E o filme que eu estou a ver é o vento a rodar e começar uma nortadazinha e as nuvens todas a aparecerem a encobrir-nos o filme aqui na praia... Tás a ver?»

«Pois... Não sei... Deixa ver...» respondi-lhe.

«Isto tá a subir ou tá a descer, Jaime? Tu que és o homem das marés e parece que um Deus não sei da onde te instalou a Internet das Marés na cabeça...»

«Tá a descer... A baixa-mar é às 12h28... Foi o *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que me instalou no cérebro a Internet das Marés...»

«Pois... Só pode ser um deus *muíta* tecnológico para uma Internet dessas... Então e depois a que horas é que é dá a Maré Alta?»

«A preia-mar é às 18h50...»

«Olha, Maré Alta... Era um nome fixe para uma série...» disse o anjo a olhar para mim maçonicamente.

«Pois... Era um nome fixe para a série... Por isso é que eu disse Maré Alta... Mas o Jaime diz “preia-mar”... É um coninhas... Chama Maré Alta, ó Jaime... Tu aqui não tás no curso... O curso já passou... Ou o Instituto de Socorros a Náufragos não te deixa chamar à série das ondas Maré Alta? Eu sei que vocês lá no curso aprendem a dizer a preia-mar... Sei porque os meus irmãos sempre disseram Maré Alta, mas depois de terem tirado o curso de salva-vidas deixaram de dizer Maré Alta e começaram com paneleirices a dizer “preia-mar”... Qual preia-mar, qual quê? É Maré Alta!»

«Pronto! Maré Alta!»

«Ah! Foda-se!!!! Tava a ver que não! Foda-se! Tava difícil... Chegámos lá... Ao nome... Pronto... Já me tão a chamar... Tenho de me ir embora... Ó, Jaime... E a que horas é que é amanhã a Maré Alta?»

«Tens a primeira às 7h23 e depois tens a segunda Maré Alta às 19h41...»

«Espetáculo! Vá vou-me embora que o filme ali no barco, o filme que está a dar ali no barco, com toda a tripulação, está muito mais difícil do que aqui... Aqui já vi que o filme tá fácil... Olha eu para o ano vou é tirar o curso de salva-vidas e vou também ser salva-vidas... Que eu já to farto disto... O Capitão é maluco... Então, hoje na cozinha só está o Menino do Sporting com a Rosa e a servir sou só eu e a Audrey e no bar está a Deusa Gótica sozinha lá com o Camaleão... Hoje a Deusa trouxe uma t-shirt da banda My Chemical Romance e o Camaleão logo a fazer-se à Deusa a dizer que a música favorita dele era a Sharpest Lives e que ouvia desde sempre... Peta!!! O gajo também muda de camisa como muda de boxers... Ontem trazia uns boxers da Marvel tal como o Capitão... Pareciam os dois combinados... A ver-se os boxers e a ver-se a dizer Marvel... Mas isso tem algum jeito? Hoje... Já traz uns boxers da Chicago Bulls... Aquilo é só para impressionar, mais nada... Trouxe hoje os boxers, porque sabe que a Deusa se excita toda com a Chicago Bulls...»

Eu comecei-me a rir. Ainda por cima com o sotaque e com todos os tiques de fala do Mr. Rugby era lindo ouvir! Eu só me queria rir e ri-me. O anjo riu-se também.

«Então mas ouve lá... Um gajo troca sempre de boxers, não é? Todos os dias troca de boxers e todos os dias também troca de camisa...»

«Pois, tá bem... Mas eu sei o que é que eu tô a dizer...»

«Mas o Camaleão não tem namorada?»

«Tem namorada... Mas tanto tem namorada como tem namorado... Aquilo é um Camaleão... Por isso é que agente o chama Camaleão... Mas isto é conversa nossa... Ó Jaime, tás a ouvir... Isto é conversa nossa... Podes escrever, mas não podes é dizer nada... Bem, tenho de me ir embora... Que isto já meteu boxers, já meteu tudo... Aquilo ainda vai dar é um granda *rock and roll* entre os dois...»

«Achas? Não... O Bali e a Deusa voltaram...»

«Voltaram? É que não parece... Vai lá tu ver com os teus próprios olhos o que é que se passa ali no bar do barco... É como eu te estou a dizer, aquilo ali no barco é um filme difícil... Aqui é tranquilo... Por isso é que eu já disse ao Capitão que se ele ganhar para o ano o concurso público para a concessão aqui na praia e continuar aqui com o barco atracado eu já lhe disse que ele se me contratar vai ter de ser como salva-vidas que eu não tô mais para tar a aturar isto... Sabes quantas reservas é que nós temos? 7 reservas... Sabes quantas pessoas tem uma das reservas? 20! Tu explica-me como é que nós vamos pôr 20 pessoas naquela esplanada e atender ao mesmo tempo mais outras 6 reservas? Explica-me! Ainda por cima, hoje, está tudo de folga... Este filme faz um sentido doido... Nós somos, o quê? Escravos? Parecemos escravos do Capitão... Parece que estamos aqui neste filme como escravos... Fui ao Instagram e vejo uma *storie* do Capitão... Sabes onde é que ele está? Foi jogar golf com os seus amigos no seu Porschezinho e nós aqui a segurarmos o barco do Capitão... Ao menos tinha a decência e não publicada a *storie*, não é? Pronto, ia tipo “às ocultas”... Epá... Percebes? Não acho que faça muito sentido num dia destes... Logo, num dia destes... É tipo, desemerdem-se... Ainda se pagasse bem pelo filme... Mas não... Eu mato-me aqui a trabalhar no barco, chego a casa nem com 800€, cansado, às vezes nem vejo a minha namorada porque saio aqui do barco tipo às 10 da noite e quando chego a casa já são 11 e meia ou um quarto para a meia noite e a minha namorada já tá a dormir que ela é médica e trabalha também como uma escrava e pronto, é esta a nossa vida... É esta a minha vida... Tenho só uma folga... Porreiro... Isto é um filme mesmo fixe, pá... Mesmo fixe, ó Jaime... Por isso é que te pergunto como é que tu tás a ver a situação... Mas tu respondes sempre que o filme tá fixe, que o Capitão é fixe... Sabes que horas eram quando eles me enviaram mensagem para avisar sobre as reservas? Meia noite e meia... Isto é uma festa... Enviam mensagens tipo meia noites e tais... Isto é assim... Do tipo, como se nós fôssemos deles... Como se eles mandassem na nossa vida toda... Como se nós fôssemos tipo os escravos deles... E eu já lhe disse que isto assim não pode ser... Já falei com o Capitão e o Capitão disse-me exatamente aquilo que eu já sabia que o gajo ia dizer... Disse que ele não podia pôr aqui qualquer pessoa e tal que tinha de vir não sei de onde e tipo uma autorização do presidente... É tipo parecido, é que parece... Parece que aqui, para trabalhar, só pode entrar alguém com o ato do presidente não sei da onde... E depois tem de vir lá o Comandante ou o Chefe ou Cabo ou o Cabo-Mar não sei da onde, eu sei lá...! Já não percebo é nada deste filme... Isto parece é uma maçonaria do caralho, é o que é... É que isto, às vezes, agente parece que tá a perceber, mas não tá a perceber nada... E depois nestas merdas, tu não consegues fugir... Isto não dá para fugir do filme, ó Jaime!!! Isto quando tu entras é a desgraça...! Isto

é uma desbunda, ó Jaime... Isto vai ser uma desbunda... Isto para o ano vai ser uma desbunda... Por isso é que eu já disse ao Capitão para ele para o ano contar comigo, mas é como salva-vidas...»

«E ele? O que é que ele respondeu?» perguntou o anjo.

«Disse que se fosse preciso até me pagava o curso de salva-vidas, as cartas de barco... Vá lá... E disse que se eu quisesse até me pagava a carta de moto d'água que eu acho que ele para ano queria aí ter uma moto d'água... Mas é elétrica, Jaime!!! Não comeces já a pensar nos cavalos-marinheiros e nas tartarugas que o Capitão nessas merdas ele é fixe... Vá, tenho de me ir embora... Vamos lá ver se vamos pôr a série da Maré Alta a dar... Isto a maré já tá a subir ou quê, Jaime?»

«Não!!!» gritei a rir-me...

«O Jaime já te disse que tá a descer...»

«Foda-se!!! Mas isso nunca mais sobe? Ó Jaime, vai lá aí à Internet das Marés fala lá com o teu *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e mete *mazé* a maré a subir que é para dar a Maré Alta! Senão isto nunca mais...»

O Mr. Rugby saiu da cena com os seus boxers da Chicago Bulls subidos para cima. Tudo teve piada. A pedido do Mr. Rugby, liguei-me à minha Internet e abri o chat com o Afonso.

«Eh lááááá!!! Muita gato!!!! Somos gémeos, ó cabrão!!! Quer dizer que vais jogar do meu lado contra o teu namorado... Sou eu e tu contra o Fred... Como é que arranjaste esse 6, ó cabrão?»

«Foi um anjo que passou aqui na praia e entregou-me dois 6...»

«Dois 6???? Foda-se, cum caralho! Isso deve ser é um anjo-demónio lá d'O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom... Não aparecem lá uns demónios tecnológicos, de vez em quando? HAHHAHAHAHAHAHA»

«Ya, aparecem, cabrão... Se calhar somos nós...»

«O quê vamos fazer de demónios tecnológicos no teatro d'O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom??? Lindo, caralho! *Shotgun* na nuvem do meio contigo a jogar basquete contra o Fred... O cabrão não nos vai ganhar...»

«Mas o Fred tem de ser da nossa equipa... O Fred também tem uma camisa com o número 6... O anjo deu-me duas camisas iguais... E disse que uma era para mim e outra era para o Fred...»

«Ah!!!!!! Então somos os 3 da mesma equipa...»

«Ya, cabrão...»

«E somos nós contra quem??»

«Contra os 6 da Lackers...»

«E onde é que estão os gajos?»

O anjo saiu debaixo do estaleiro e perguntou se podia subir para me mostrar uma fotografia que disse que achava que eu me ia rir muito. Respondi-lhe que claro que ele podia subir e vi-o a subir

com a câmara do telefone apontada a mim. Por cima da câmara vi o anjo a fazer-me “sinais de luzes”, a fazer-me os “sinais fraternos”...

«O que é que tu achas disto? Só para tu veres como é que as merdas tão ligadas... Acho que te vais assustar e rir ao mesmo tempo... Estás preparado?»

«Estou...»

«Posso pôr a mão no teu coração só para sentir a tua batida...»

«Não...»

«Vá lá, Jaime... Imploro-te... Vá lá...» implorou-me voltando a fazer os “sinais fraternos”...

«Vá... Podes... Mete lá a mão... Já estou por tudo neste filme... Eu quero é sair do filme... Eu quero é ir para casa... Vá... Mostra!»

Eram os dois gémeos do desembarque da manhã vestidos de igual com as camisas número 6 da Lackers...

«Foi o amigo “colorido” do meu irmão que enviou ao meu irmão como resposta à fotografia dele... Acho que o amigo “colorido” do meu irmão disse-lhe que era da Lackers e que ia jogar às 00:06 com os gémeos... E enviou-lhe esta fotografia... O meu irmão acho que ficou todo fudido...»

Era o “amigo colorido” do irmão do anjo vestido com a camisa número 6 da Lackers... Reconheci o ferry... Sabia onde era o ferry... Não era o ferry para a Ilha dos Piratas... Fui ao Google Maps para ver a distância entre os ferrys e vi que o ferry dos gémeos ficava a 66 km do ferry da Ilha dos Piratas... Perguntei ao anjo se a fotografia da Lackers era de hoje... O anjo disse que sim. Perguntei a que horas é que os Lackers tinham sido fotografados... E o anjo respondeu-me que tinham sido fotografados às 9h06... Ora, a essa hora foi quando eu me cruzei com os Lackers no ferry para a Ilha dos Piratas... Ou o anjo estava a mentir ou os Lackers eram quadrigémeos. Se fossem quadrigémeos tínhamos o plantel fechado para começarmos o jogo 5 para 5. Os quadrigémeos e o “amigo colorido” do irmão do anjo de um lado vestidos com a camisa número 6 da Lackers contra nós vestidos com a camisa número 6 da Chicago Bulls (eu, o Fred, o Afonso, o Marcos, o anjo e o irmão do anjo...)... Mas depois vi, que afinal, o anjo não podia ser, porque o anjo não tinha um 6, mas um 23... Faltava-nos um 6 para a equipa... O anjo perguntou-me se eu queria que ele me enviasse as fotografias dos 3 Lackers... E eu disse que sim e enviei para o Afonso.

«Eiaaa!!!

São estes os cabrões com que vamos jogar???

Isto vai ser 3 para 3?

Foda-se!

Os gémeos têm ganda caparro e parecem ser gigantes...

Tamos fudidos, ó Jaime!!!! O outro é um lingrinhas...

Mas, foda-se!!! Os gémeos são *gandas* leões...»

«Então e nós não somos também gandas leões? Somos do Sporting e tudo?»

«Ya... Somos *gandas* leões... Somos feras... Isto vai ser um jogo dos diabos!!! Vais ser uma guerra dos diabos!!!»

«Nós é que vamos ganhar o jogo!!! O jogo nosso, caralho!»

«Pois... Mas para ganharmos vais ter de despir esses calçãozinhos de salva-vidas e vestir uns calções a sério da Chicago Bulls! Ou dispo-te eu esses calções ou despe-te o Fred... Agora escolhe amorzinho...»

«Vou perguntar ao Fred se me podes despir os calções...»

«Oh! Ele vai dizer que não... Não lhe perguntes... É melhor não lhe perguntares... Se quiseres que eu te dispa os calções eu dispo-te sem ninguém ver :p»

«Mas onde é que estão os calções da Chicago Bulls para mim?»

«Em minha casa gato :P

Tenho aqui uns para ti...»

«Pois... Mas eu agora estou aqui na Ilha dos Piratas... O Fred prendeu-me aqui nesta ilha...»

«Então...

Mas quando saíres da ilha no teu barco dos piratas

atracas aqui o barquito

passas cá em casa

e eu dispo-te e visto-te num instante

os calções...

Que tal? :P»

«Sem ninguém ver? :P»

«Ya...

Sem ninguém ver :P»

«Então, combinado...»

«Ficaste com tusa, ó paneleiro?»

«Eu não e tu paneleiro?»

«Tu é que és paneleiro, ó preto do caralho!

Ficaste com tusa ou não caralho?»

«Achas? Não, caralho!»

«Boa!

Então vens cá a casa para eu te despir essa merda de calções
e vestir-te uns a sério

para ganharmos o jogo aos gajos!

Eu amo-te!»

«Eu amo-te! E também tens calções para o Fred? :P

O anjo disse que tinha uns num baú, mas não acreditei...

Acho que me estava a mandar ganda peta...»

«Ya... Mandou-te ganda peta mesmo...

Não acredites em tudo o que diz o anjo...

Só podes acreditar em algumas coisas, Jaimezinho...»

«Quem é que te enviou esse anjo?»

«Foi o Fred...»

«Pois...

Esse anjo é muito mentiroso...

E sim, também tenho uns calções para o teu namorado!»

«Yehhhhhh!!! MAS SOU EU QUE VOU VESTIR OS CALÇÕES AO FRED!»

«Tá bem, amorzinho... Não grites...

Tu vais vesti-los...

Mas sou eu que vou despi-los :P

MUAHAHAHAHAHHA»

«Vais o caralho!»

«Não vou?»

«Não!»

«Vamos ver se não vou!»

(...)

A correr para apanhar o ferry, desejei que a prima Sónia aparecesse no filme e me fizesse “sinais fraternos” ou “outros sinais” para que eu pudesse ter a certeza que o Direito Penal dela estava connosco e para eu ter a certeza que estava tudo bem dentro do filme... No minuto a seguir no desembarque do ferry vindo da ilha para a vila, vi uma “prima Sónia” parecida com a prima Sónia

agarrada ao Código Penal e com um boné da Chicago Bulls... Quando vou embarcar e passo pelo desembarque em contra mão no corredor do cais do ferry eu olho sempre para todas as pessoas que estão a desembarcar... Às vezes parece um corredor de tubarões... Olhamos todos uns para os outros com um forte mentalismo e passamos todos uns pelos outros como se fôssemos todos tubarões... Mas nesta Escola de Tubarões, nunca vi ninguém a desembarcar com o Código Penal nas mãos, nunca vi ninguém na Ilha dos Piratas com o Código Penal nas mãos... Parece que os piratas proibiram o Código Penal de entrar na ilha... Tem por isso piada, pensar na prima Sónia que foi a minha assistente de Direito Penal e a assistente do Marcos, implorando a sua aparição no filme e no minuto a seguir aparecer a personagem que apareceu, parecida com a prima, com a cena, “da prima”, na mão.

(...)

No nosso cruzamento, havia um braço musculado tatuado com uma marca com 3 seis e uma frase escrita em grego. Olhámos os dois para a tatuagem. O dono da marca viu-me a olhar para a marca dele e acenou-me, tirando o chapéu da Lackers para me acenar, mas acenou-me pervertidamente... Vi ali uma deturpação da mensagem... Vi ali um sexualismo que não curti, que não era a minha cena... Atrás, veio o gémeo e sócio dele, vestido de igual, com uma camisa e com um chapéu da Lackers e também com a mesma marca tatuada e com o mesmo espírito para cima de mim... Fui assediado por irmãos gémeos. Donos e sócios da mesma empresa de ideias, da mesma marca que eu vi numa parceria montada no 4º esquadrão com duas câmaras apontadas para a rua principal que vê quem é que desembarcou e quem é que vai embarcar na Ilha dos Piratas. E foi por ter visto essa parceria que eu não quis, que fiz o pirete para as câmaras para que os gémeos soubessem que eu não queria fazer uma parceria com eles, porque sabia que eles com a parceria tinham ficado detentores, “proprietários”, de todos os espíritos que desembarcassem na Ilha dos Piratas... Com os piretes, quis mostrar aos irmãos gémeos que a minha cena era outra... Que a minha cena não era com eles... (...)

A minha cena é o Código Penal. É a cena que eu gosto. É a minha cena. A minha cena é abrir o Código Penal com os **militares**. A minha cena é fazer Direito com os **militares**. A minha cena é ficar do lado dos **militares**. A minha cena é abrir investigações **militares**. A minha cena é abrir a Caixa de Pandora de todos os simbolismos e secretismos com os **militares**. É esta a minha cena. A minha cena são os **militares**. É natural em mim. Cresci com os **militares**. Masturbei-me com os **militares**. Dancei com os **militares**. Vi as estrelas com os **militares**. Vi a Ursa Maior com os **militares**. Vi *Jupiter* de Gabriel Garibaldi com os **militares**. Mostrei aos **militares** os erros graves, as lacunas graves do Direito Penal e vi como os **militares** concordaram comigo. O meu espírito é militar. Sou um Soldado da Paz, sou um simples Soldado da Paz, como todos os **militares**. Os meus algoritmos são algoritmos **militares**. **3:36 29 de junho de 2021**

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala